

Honestino foi morto no Rio, afirma jornalista

Guarabyra Neto

O desaparecido político Honestino Monteiro Guimarães, foi morto em 1973 no bairro de Jacarepaguá, Rio de Janeiro, depois de ser torturado numa mansão localizada no município de Petrópolis. A afirmação é do jornalista e historiador Jarbas Silva Marques, residente em Brasília, que na época estava preso na Ilha Grande (RJ) e era casado com Inês Etienne, a única que escapou com vida da mansão onde torturaram Honestino.

A informação foi obtida aqui em Brasília, no momento em que a comissão da OAB que investiga o desaparecimento de Honestino se desloca para o Rio de Janeiro à procura de pistas. Jarbas esteve preso de 67 a 77, ficou depois encarregado de divulgar o Comitê de Anistia

em Brasília e era editor do Jornal da OAB, no mandato do presidente Maurício Corrêa. O comunicado sobre a forma como Honestino foi morto chegou, segundo ele, ao Presídio da Ilha Grande através dos companheiros da organização política da qual o líder estudantil participava.

Confissões

“Eu era da luta armada, mas Honestino tinha sido preso apenas porque tentava organizar as entidades estudantis na luta contra a ditadura”, confessou Jarbas, que entende ser imprescindível colher também o depoimento de Inês Etienne, que esteve com o desaparecido pouco antes da sua morte. A propósito de Paulo de Tarso Celestino, cujo desaparecimento vem sendo abordado durante as investigações do caso Honestino, Jarbas

lembrou que ele não era estudante e sim advogado, inscrito na OAB-DF e foi morto muito antes, em 1971.

Jarbas assegurou ainda que a maioria dos desaparecidos políticos de Brasília foi morta nessa mansão de Petrópolis, que era chamada de “casa da morte”. Um dos mortos foi o líder camponês conhecido por Loiola, que residia numa chácara no Núcleo Bandeirante. Ali, segundo o testemunho de sua ex-mulher Etienne, era usada a “tortura apache” — escapelamento e tritura dos dedos — enquanto eram aplicados na vítima medicamentos antitéticos, para evitar infecções. “As sessões de tortura, na “casa da morte” como nos lugares por onde passei, eram acompanhadas por médicos, que eu sei quais são e posso identificá-los”, garantiu.